

# Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, primeira quinzena de outubro de 1997 - ano I, nº 10.

boletim

## De como os fatos ocorridos no Grão-Pará entre 1783 e 1823 deram origem a um romance de ação

João Vianney Cavalcanti Nuto

*Lealdade* - Márcio Souza. S. Paulo: Marco Zero, 1997, 208 pp.

*Lealdade*, o novo romance de Márcio Souza, continua o processo de recriação ficcional da história amazônica, que tem caracterizado o escritor desde o início de sua carreira e produzido sucessos de público como *Mad Maria* e *Galvez, o imperador do Acre*. Como os romances anteriores, *Lealdade* transforma um acontecimento histórico em uma narrativa de aventuras, combinando a informação documental com a liberdade da ficção. Desta vez o tema central é o movimento pela independência do Grão-Pará e Rio Negro, como era conhecida a região norte do Brasil. Por seu isolamento e características geográficas e culturais bastante peculiares, o Grão-Pará mal se identificava com o resto da colônia, exceto no que se referia à revolta com a metrópole. Essa noção de isolamento é freqüentemente lembrada e marca o processo de conversão política do protagonista: de observador ainda leal à metrópole, mas curioso, a rebelde paraense, mas ainda não brasileiro.

A narrativa apresenta-se como memórias do coronel Fernando Simões Correia, desde o momento em que ele se encontra foragido, tentando escapar das forças contra-revolucionárias portuguesas. A partir desta situação o narrador-protagonista vai recordando os fatos mais marcantes da sua vida: as primeiras perplexidades da adolescência com os aspectos bárbaros da vida no Grão-Pará; o testemunho da fuga da família real para o Brasil durante a invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas; os envoltimentos políticos, intercalados por uma atropelada relação amorosa.

Todos esses elementos temáticos são montados em uma estrutura típica de romance de ação e é nesta perspectiva que deve ser avaliado *Lealdade*, assim como outros romances de Márcio Souza. Como uma realização competente do subgênero citado, *Lealdade* prima pela capacidade de prender o leitor do começo ao fim de uma narrativa fácil e rápida não só por demandar pouco tempo de leitura, como também por representar os acontecimentos em ritmo acelerado, com elipses típicas do cinema, evitando qualquer representação mais analítica e introspectiva.

Além das características mencionadas, *Lealdade* apresenta limitações comuns no romance de aventuras: desde a estrutura narrativa à concepção dos personagens, passando pelo estilo. Trata-se propriamente menos de falhas no uso destes recursos que de uma subordinação dos demais aspectos do texto a uma ação envolvente. Investindo completamente na ação, o texto

evidencia um processo de facilitação de todos os seus códigos, mesmo quando parece sofisticado. É o que acontece com a técnica do flash-back. A narrativa iniciada *in medias res* é conhecida desde Homero. Mas a reiterada abertura de cada capítulo de *Lealdade* focalizando o momento posterior dá ao texto contornos esquemáticos.

Há também uma certa inadequação do ponto de vista. Embora todo texto literário demande uma certa "suspensão de descrença", a narrativa em primeira pessoa de um personagem do fim do século XVIII e início do século XIX em linguagem tão próxima do jornalismo contemporâneo transmite uma impressão de anacronismo estilístico. Esta impressão teria sido consideravelmente reduzida, ou mesmo evitada, se o autor tivesse optado pela narrativa em terceira pessoa, com eventual uso do discurso indireto livre, o que poderia ser feito com relativa facilidade, já que o texto quase não explora as possibilidades do narrador-personagem (a própria possibilidade de transposição de pontos de vista denuncia a superficialidade da estrutura narrativa).

Um exemplo do processo de facilitação dos códigos ocorre no início, quando o narrador recorda os dois fatos que mais o chocaram na adolescência: o episódio do filhote de jacaré que é devorado pelas piranhas e o ensaio de

idílio amoroso com uma escrava que logo em seguida seria estuprada e assassinada. Para o leitor ingênuo ou apressado, o episódio das piranhas é apenas uma informação exótica; para o leitor mais atento, pode ser um símbolo do clima de violência que domina o romance; para o leitor mais crítico, a justaposição dos dois episódios causa um efeito de "resposta pronta", que nega a possibilidade de uma leitura mais aprofundada. Efeito semelhante é

(continua)



LEALDADE

## De como os fatos ocorridos no Grão-Pará deram origem...

*(continuação)*

causado pelo conhecimento da mulher que viria a ser a amante do protagonista, primeiro através do quadro, depois pessoalmente: “Fiquei paralisado, um raio me atingindo, deixando-me cego. Logo reconheci a moça e foi como se ali estivesse alguém que eu amasse há muito tempo. Era a criatura do retrato que eu havia visto milênios atrás na casa do cônego Batista Campos”. Mas, para nós, a impressão é de um acontecimento perfeitamente previsível. Sempre fiel às expectativas do grande público, o autor não dispensa o clichê telenovelistico da cena erótica do banho de rio.

Privilegiando a ação, o romance não permite um aprofundamento dos conflitos dos personagens, cujo desenvolvimento é constantemente truncado pelas elipses, que recortam a narrativa em torno dos episódios mais dramáticos. Por isto é que a representação de um largo período de vida do protagonista não chega a mostrar analiticamente o processo de amadurecimento. O que se apresenta é o perfil do protagonista em cada momento de sua vida. Assim é retratada a conversão política do personagem: num primeiro momento, o protagonista é um observador complacente porém leal à corte. Logo adiante descreve-se, em ritmo de sumário, a conversão do soldado da corte em rebelde apaixonado, que parece tão repentina quanto o amor à primeira vista pela moça do quadro: “Perderia minha timidez e passaria a professar uma delicada paixão, um furor que a princípio muito divertiu o cônego Batista Campos, porque não se parecia em nada comigo. Abismado, tinha lido Voltaire, Diderot, Rousseau, alguns panfletários da revolução de 1793”. O elemento de interesse especial no romance *Lealdade* é, certamente, o tema, que revela um aspecto meio marginal no nosso ensino de história e, por isto mesmo, tão esquecido pelo público brasileiro: as lutas regionais contra o poder da metrópole, num momento em que o vasto território do Brasil ainda estava mal integrado e poderia facilmente ter sido esfacelado, gerando estados independentes. Também no aspecto histórico o autor satisfaz a curiosidade do público através de descrições da natureza equatorial e dos costumes indígenas, apresentação de personalidades históricas como o Marquês de

Pombal, os almirantes-mercenários Greenfell e Cochrane, os cientistas Von Martius e Saint-Hilaire (plagiador do baiano Alexandre Ferreira, segundo o narrador) e fofocas sobre o relacionamento do rei D. João com a rainha Carlota Joaquina. A utilização competente de todos os recursos citados faz de *Lealdade* não uma grande obra literária, mas uma obra de entretenimento bastante superior à média, tendo ainda o mérito de informar sobre fatos da nossa história da maneira mais divertida: a ficção, que mesmo não sendo perfeitamente fiel aos dados documentais, torna a história mais viva que qualquer tratado científico.

João Vianney Cavalcanti Nuto é professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília.

CONTRAPONTO



## Propaganda enganosa

Clarice da Silva Costa

Também há propaganda enganosa em literatura de entretenimento. Quando um leitor desavisado tem em mãos o livro *Lealdade*, de Márcio Souza, e se deixa levar pela colorida capa e pelos eloquentes dizeres da contra-capa vai levar gato por lebre na hora da compra. Não que o livro seja ruim de todo. Mas o grande problema desse romance é que ele levanta expectativas que não cumpre.

*Lealdade* pretende ser um livro de entretenimento. A grande epopéia do Pará. Muita aventura, paixões humanas... Porém, trata-se de uma mera pretensão, pois o livro não cumpre o que promete. O sugerido não se realiza. O leitor que está ávido por um texto leve e que o remeta ao tão apregoado mundo de aventuras, paixões, conflitos se verá frustrado com a falta de embates e contradições a que as personagens são submetidas. Nem mesmo a ambientação histórica salva o romance do malogro. O Grã-Pará não é palco de ações que determinam a vida e a morte dos protagonistas e antagonistas. É apenas o cenário patético onde Fernando Correia e seus confrades seguem o curso dos acontecimentos, sem real envolvimento com as intrigas que ameaçam, em muitos momentos, fazer com que a história aconteça.

Fernando Correia é uma personagem complicada. É o narrador-protagonista, a ele caberia o comando das ações. Porém, a ação passa ao largo de seus sentimentos. Ele não se envolve com as situações que constituem a trama. E está sempre sendo levado pelas circunstâncias. Ele apenas comenta as situações que o afetam, é melancólico, angustiado. Uma personagem moderna, num romance que se passa no século XVIII? Não se trata apenas de uma personagem mal construída, mas de todo o romance. O grande problema de Márcio Souza é o de não conseguir escrever um bom texto de entretenimento e tampouco um texto que se pretenda de maior elaboração.

Clarice da Silva Costa é professora de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Sexta-feira, dia 10 de outubro

# CIDADE DE DEUS

de Paulo Lins

O romance de estréia do escritor carioca é o tema da próxima reunião do GT.

Às 16 hs., na sala B1-253 (ICC Centro).

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Prof<sup>a</sup> Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br